



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Aeroporto de Maceió, durante visita ao estado de Alagoas para tratar das enchentes**

**Maceió-AL, 24 de junho de 2010**

**Jornalista:** Uma pergunta ao presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

**Presidente:** Eu cheguei agora, rapaz.

**Jornalista:** Mas o horário é o melhor possível, Presidente. Muito boa tarde, senhor Presidente, é Warner, da Rádio Gazeta de Alagoas, Warner Oliveira. Eu queria saber se essa comoção, se o que o senhor viu aqui o sensibilizou tanto quanto o terremoto, por exemplo, do Haiti, onde recursos do governo federal também foram enviados? Se é algo semelhante, também, emocionalmente, para o senhor, como (incompreensível) brasileiro e como comandante da nação?

**Presidente:** Olha, são tragédias quase semelhantes. Uma, um terremoto e, a outra uma... a gente não pode falar “tromba d’água” porque eu espero que se encontre uma explicação sobre o que aconteceu com uma água que historicamente caía no Oceano Atlântico e, de repente, veio cair no estado de Pernambuco e de Alagoas.

Eu sobrevoei o Haiti, de helicóptero, e depois eu desci, e hoje eu sobrevoei de helicóptero e desci. Ou seja, de helicóptero, a gente vê a fotografia global do que aconteceu, mas para sentir o drama a gente tem que estar lá embaixo, a gente tem que conversar com as pessoas, a gente tem que pisar no barro que as pessoas estão pisando, a gente tem que sentir o cheiro



que as pessoas estão sentindo, a gente tem que ver as lágrimas que as pessoas estão colocando para fora, para a gente perceber que não pode ter limite de solidariedade uma situação como essa.

Vocês já ouviram a ministra Erenice falar, os governadores, eu não quero repetir. Mas eu queria dizer para vocês que a gente vai aprendendo a cada lição que a vida vai nos ensinando e que não existe limite para que a gente possa ajudar o estado de Alagoas e a região que foi afetada pela enchente e, também, o estado de Pernambuco, de ressarcimento dos prejuízos. Porque nós não estamos ajudando um governador, ajudando um prefeito, nós estamos ajudando o povo brasileiro, povo trabalhador, povo ordeiro, que vai construindo cada milímetro de felicidade da sua vida com um sacrifício enorme e que, de repente, vem água, que ele não sabe sequer onde foi formada e acaba com tudo que ele construiu.

Nós já tomamos a decisão de fazer tudo o que for possível. Eu vim para cá com todos os ministros, praticamente, eu vim para cá com o Comandante do Exército, já mandei para cá, no sábado, o Ministro da Integração, o Ministro das Cidades, hoje eu estou aqui, no domingo veio o Ministro dos Transportes, na segunda-feira veio o Ministro da Defesa, Ministro do Desenvolvimento Social. Hoje eu estou aqui com a Ministra-Chefe da Casa Civil, com o Ministro da Educação, com o Ministro da Saúde, com o Ministro da Integração, com o Comandante do 2º Exército, com o Ministro do Planejamento, para que a gente possa sentir e cada um ver a necessidade do que nós temos que fazer para ajudar essas pessoas. Nós temos estrutura, nós temos condições, nós temos um povo muito solidário. Portanto, nós vamos ajudar a reconstruir as cidades que foram destruídas. Essa é nossa obrigação moral, nossa obrigação política e nosso compromisso humanitário: ajudar as pessoas a voltarem a acreditar que é possível viverem dignamente.



**Jornalista:** Estimula mais a reação do povo com o senhor? Por exemplo, mesmo depois de tanta crise, depois de ter perdido tantas coisas, ainda acreditar, aplaudir o senhor como foi feito (incompreensível)?

**Presidente:** Olha, eu sou um homem que... O Brizola, ele costumava falar para mim que, ele, todo dia de manhã levantava e agradecia a Deus, porque ele achava que Deus tinha sido muito generoso com ele. Eu acho que, se tem um ser humano da Terra, um político que Deus foi generoso, foi comigo. Porque, primeiro, a minha relação com o povo não é uma relação de um Presidente com o povo; é uma relação de companheiro com companheiro. Se tem uma coisa que me deixa muito orgulhoso é que eu encontro um faxineiro em um prédio, um ascensorista em um elevador, uma mulher naquela ilha que eu fui agora há pouco, na cidade, e que me chama de companheiro Lula. Essa é a coisa que mais me alegra, que mais me motiva: é que eles descobriram, finalmente, que um deles chegou à Presidência da República, e descobriram que eles podem chegar.

Então, eu não preciso contar nenhuma inverdade para eles, nenhuma mentira, fazer nenhuma promessa falsa para eles. Eu só posso dizer para eles a verdade, ou seja, a gente, para construir uma coisa, demora meses e anos, para destruir, a destruição é em um segundo. O que eu quero que eles compreendam é que eu tenho um compromisso moral, enquanto ser humano, enquanto Presidente, enquanto homem, enquanto brasileiro, de ajudar essa gente a reconstruir a sua vida.

É por isso que nós tomamos a atitude, já dito a vocês pela companheira Erenice, de colocar à disposição dos dois governadores 275 milhões como antecipação, porque eu não sei quanto é que vai precisar na verdade, nem o Téo sabe, nem o Eduardo sabe. Ou seja, a gente não sabe se são 600 milhões, 300 milhões, 500 milhões, 800 milhões. Se a gente for ficar esperando os prefeitos apresentarem projeto, fazerem levantamento, vai demorar quatro,



cinco, seis, sete, oito meses, e não vai acontecer nada. Então, nós antecipamos, para que os dois governadores cuidem da questão emergencial enquanto se prepara o levantamento. Por exemplo, as casas: nós não vamos construir casas no mesmo local que a enchente pegou, por uma questão de responsabilidade. Nós ficamos criticando a enchente, nós ficamos criticando a chuva, ficamos procurando o culpado, mas a verdade é que há 50, 60, 70 ou 80 anos essas pessoas construíram casas em lugares inadequados, construíram casas à margem do rio, que todo mundo sabe que, mais dia, menos dia, pode dar enchente.

Então, nós vamos procurar, já é um compromisso dos dois governadores, do Presidente da República, da ministra Erenice, da Caixa Econômica Federal, do Ministério das Cidades, da Integração Nacional e dos prefeitos, de a gente procurar locais mais altos para que a gente possa reconstruir a casa e garantir que as pessoas possam até ser vítimas, se a lua um dia cair, mas não ser vítima de uma enchente em um rio qualquer deste país.

**Jornalista:** Nem de ninguém se aproveitar disso como gabinete político, não é?

**Presidente:** Olha, veja, e nem... veja, aí é uma coisa que eu já falei com os dois governadores e quero dizer aos prefeitos: não é possível que alguém tente, em função de uma desgraça dessas, tentar tirar proveito político, não é possível. Nós temos que, nesse momento, apenas cumprir com a nossa obrigação enquanto seres humanos, ou seja, devolver ao povo a certeza de que ele será tratado com decência pelos governantes estaduais, municipais e o governo federal. É apenas isso que eu espero, que eu quero, e é por isso que nós estamos trabalhando, gente.

**Jornalista:** Presidente, nesse ano... Nesse ano, tivemos outras tragédias, no



início do ano. Teve no Rio, teve em Angra, e o governo federal não deu uma resposta tão rápida. Há uma mudança no entendimento (incompreensível)?

**Presidente:** Não, nós demos resposta... Nós começamos a dar resposta rápida em Santa Catarina. É importante você apenas acompanhar o que a imprensa escreveu a respeito, que nunca um governo foi tão rápido como foi em Santa Catarina. Acontece que tem estados...

**Jornalista:** (incompreensível) demorar...

**Presidente:** Não, acontece que tem estado que tem mais estrutura do que outro, tem estado mais rico do que outro, tem estado que tem Defesa Civil mais atuante do que outra. E obviamente que você vai sempre ajudar com mais rapidez aqueles que mais precisam de você. Aqueles que têm estrutura... Só para você ter ideia, o Rio de Janeiro tem até hospital de campanha, que está mandando aqui para Alagoas, está mandando para Pernambuco. Então, tem estado que tem estrutura.

Obviamente que a rapidez de a gente tratar Alagoas e Pernambuco não é a mesma rapidez de tratar um estado que tem uma Secretaria de Defesa que funciona muito bem, que tem recursos, não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa, como você não cuida das pessoas próximas de você em igualdade de condições. Se tiver um mais necessitado, é aquele que você vai cuidar melhor.

Então, é assim, veja: nós aprendemos, acho que a cada tragédia nós vamos aprendendo cada vez mais, e eu espero que um dia a gente esteja tão perfeito que a gente não permita que aconteça mais tragédia. Está bem, gente?

**Jornalista:** Obrigado.

**Jornalista:** Muito obrigado, Presidente.



**Presidente:** E, agora, vamos falar com os prefeitos.

(\$31EGJLP)